

ARISTÓTELES DRUMMOND

Jornalista e escritor

O velho STF

Jornalista, jurista, membro da Academia Brasileira, Cândido Motta Filho participou de um Supremo Tribunal Federal de excelência. Privou com o que havia de “reputação libada e notável saber jurídico “condições que a Constituição exigia para a função. Na sua humildade, bondade e grande inteligência, o paulista, duas vezes ministro – de Dutra e Café Filho -, foi nomeado por JK. Observava e ouvia os companheiros.

Em suas memórias, falava do colega e amigo Ribeiro Costa, com quem voltada, de carona, todos os dias para casa – o Supremo só dava carro e motorista para o presidente, até a mudança para Brasília. E Ribeiro ia da Cinelândia até a esquina Da rua do Ouvidor, apenas para dar umas moedas a um menor deficiente que ali fazia Ponto. E dizia: “veja que tristeza, Motta Filho, eu, já envelhecido, usando minhas pernas para dar esmola a pequeno que vive numa triste pobreza com sua perna, Motta Filho contava que procurou fazer seus votos sucintos e diretos e rece-

VICTOR CORRÊA

Jornalista, mestre e doutorando em Políticas Públicas pela FGV

Não existe inveja boa

Hoje eu senti inveja. Esse sentimento tão malvisto se apossou da minha mente inevitavelmente. Eu rolava meu feed do Instagram quando vi uma cantora famosa se exibindo em uma praia com águas cristalinas. O paraíso era ali. Pelo menos pra mim, enquanto me deparava com aquela imagem que os algoritmos, por alguma razão, decidiram que eu deveria ver.

Sim, é a Inteligência Artificial que escolhe por você. O que você deve e não deve consumir como conteúdo. Eu nunca vi um algoritmo. Ninguém nunca viu. Como ele opera também é um mistério que as big techs, por conveniência, escondem a sete chaves.

Outro dia, ouvindo a conversa de duas amigas na farmácia, escutei o clássico: “Senti uma inveja boa”. Elencada entre os sete pecados capitais, a inveja carrega uma condenação antiga. Não existe inveja boa. Inveja é inveja. É difícil, até internamente, admitir que sentimos inveja de algo ou de alguém. Como se não fosse um sentimento inerente ao ser humano.

Voltando à cantora do Instagram, poderia também ser uma atleta, uma atriz, uma influenciadora ou qualquer outra pessoa exibindo uma vida aparentemente perfeita.

Estudos em psicologia sugerem que a inveja pode revelar algo que nos falta, desejamos ou valorizamos. O problema é que as redes sociais multiplicaram as oportunidades para esse sentimento aparecer.

Em poucos minutos, elas conseguem nos fazer rir, sentir inveja, ter raiva, desejar uma viagem, comprar um produto, lembrar de um ex, querer outro corpo ou acreditar que estamos atrasados em relação à vida de todo mundo. Será que o nosso cérebro foi feito para processar tantas emoções em tão pouco tempo?

Existem casais que já estão separados sem perceber.

Quando, na calada da noite, o marido desbloqueia o celular da esposa para ler suas mensagens e ter certeza de que não há uma traição, ele não encontra nada, respira aliviado e vai dormir como se estivesse tudo bem. Não está, é claro.

A traição acontece quando os dois estão jantando e, em vez de conversar, assistem a

beu de Orozimbo Nonato, veterano na casa, o seguinte elogio; “Você faz muito bem, pois aqui, ninguém ensina ao outro e ninguém aprende com o outro”.

De outro experiente, Ary Franco, como gostava de citar Ruy Barbosa, de quem era cultor, ouviu “Deixe p Ruy em paz e dê apenas a sua opinião, tendo vivido entre a sua São Paulo, o Rio e, por fim, Brasília marcou sua época.

Candido Mota foi importante na Semana da ARTE Moderna, em 1922, e escreveu excelente biografia de Eduardo Prado, um dos fundadores da Academia Brasileira e filho da icônica D Veridiana de Almeida Prado.

Cândido Mota formou filhos exemplares como o advogado Nelson Mota e o grande exportador de açúcar e café Paulo Mota, que formou uma geração de profissionais de alta qualidade na área. E o encanto de seus últimos anos. Nelson Mota, neto compositor, jornalista, memorialista, produtor musical de relevo na sua geração.

O Supremo que tinha Cândido Mota tinha também Nelson Hungria, Antônio Carlos Lafayette de Andrada, exemplares. O que aconteceu? Que diferença!

vídeos bem-humorados de um influenciador. Ou respondem mensagens. Ou apenas rolam a tela para espantar o tédio. Não há uma terceira pessoa. Ainda assim, um deixou de estar com o outro.

Já não esperamos o elevador, o ônibus ou o pedido no restaurante. Esperamos olhando para a tela. Qualquer intervalo virou motivo para pegar o celular.

Você se lembra daquele tempo em que não existia WhatsApp e ainda tínhamos vida depois do trabalho? O expediente acabava quando saíamos dele. Só recomeçava no dia seguinte, quando chegávamos ao escritório e abríamos o e-mail corporativo.

Hoje, o trabalho continua no bolso. A mensagem chega à noite, no fim de semana, durante o almoço ou quando estamos tentando descansar. Mesmo que ninguém exija uma resposta imediata, a simples chegada já ocupa algum espaço na cabeça.

Fazemos isso porque realmente precisamos? Ou para escapar de um diálogo, do tédio, do silêncio, daquele vazio na mente que nos obriga a pensar na vida real, de carne e osso?

O poder público também precisa entrar nessa conversa. E se redes sociais como Instagram e Facebook, da Meta, fossem obrigadas a exibir, dentro do próprio aplicativo, um alerta diário informando quanto tempo o usuário passou ali? Não é proibir. É informar. É proteger.

O Brasil já começou a agir quando o assunto são crianças e adolescentes. Desde 2025, o uso de celulares está restrito nas escolas, inclusive durante o recreio. Um ano depois, 95% dos gestores ouvidos em uma pesquisa nacional perceberam melhora na concentração dos alunos e na convivência presencial.

Proteger crianças e adolescentes é um começo. Mas o adulto também perde horas sem perceber. Abre o celular para responder uma mensagem, vê uma notícia, assiste a um vídeo, passa para o seguinte e, quando se dá conta, uma parte do dia ficou para trás.

A tela não nos prende apenas pelo que oferece. Também nos afasta do que exige presença: uma conversa sem pressa, um silêncio desconfortável, uma relação que precisa de atenção ou uma vida que nem sempre parece tão interessante quanto a dos outros.

A cantora continuou na praia. Eu fechei o Instagram. Não porque a inveja tivesse desaparecido, mas porque percebi que, enquanto acompanhava a vida dela, deixava de viver a minha.

LEONARDO BOFF

Ecoteólogo e escritor

É possível mudar a rota do Titanic?

Estamos no olho de uma crise civilizacional sem precedentes na história. Todas as grandes crises conhecidas eram regionais. Na sequência da crise, surgia um novo sujeito histórico (“os bárbaros”) com vitalidade e projeto alternativo que permitia a história continuar com um novo rumo.

Desta vez é diferente. A crise parece ser global, estrutural e terminal. Global, porque envolve todo o globo. É estrutural, porque não se trata de uma crise de conjuntura que, superada, permite a continuidade da civilização ocidental, desprezada por Donald Trump. Agora, o coração foi atingido. Por isso ela é terminal. Com ela termina, não o mundo, mas um tipo de mundo social, montado nos últimos séculos.

Para resolver os problemas internos e os herdados, esse tipo de mundo precisaria negar-se a si mesmo. E isso ele não o faz. Por isso, tem sentido a severa advertência de Eric Hobsbawm ao concluir a “Era dos extremos”(1994): “O mundo corre o risco de explosão e implosão.Tem que mudar...a alternativa para a mudança é a escuridão”(p352). Fatalmente está em rota de colisão contra o iceberg que ele mesmo criou. Um sinal de esperança nos oferece o ecosocialismo que herda o melhor do ideal socialista clássico (não o soviético) e o articula com a ecologia.

Qual é esse iceberg? A ordem do capital,um verdadeiro Titanic. Ela pressupõe falsamente ser os recursos da Terra ilimitados. Imaginam que isso lhe permite também um crescimento ilimitado. O sistema não se importa com a Sobrecarga da Terra que já atingiu em meados de junho de 2026 o seu limite. Nem com a erosão das nove fronteiras planetárias (mudança climática, integridade da biosfera, mudanças no uso do solo e outras) que ultrapassadas podem provocar um colapso da civilização. Seis delas já foram ultrapassadas. .

O sistema do capital é depredador. Normalmente desaparecem, no processo normal de evolução, 300 espécies de seres vivos por ano. Atualmente, devido à voracidade consumista, segundo E.O.Wilson, desaparecem entre 70-100 mil por ano. Isso equivale a uma verdadeira devastação como em milênios no passado. Quase todos os bens e serviços naturais não renováveis se fazem mais e mais escassos.

Além dos já referidos, alguns representam limites intransponíveis que ameaçam todo como é o caso da escassez de água potável. Somente 3% de toda água é potável. E desta, apenas 0,7% é acessível ao uso humano. Nos vários forums internacionais organizados pela ONU se chamou atenção ao fato de que nos próximos anos far-se-ão guerras devastadoras entre regiões para garantir acesso à água potável, sem a qual a vida se torna impossível. Acrescentando-se a isso a exaustão nos

próximos anos,já sentida agora devido ao fechamento do estreito de Ormus, da energia fóssil (petróleo), sangue da máquina industrialista mundial. Dependemos de fontes energéticas renováveis alternativas, parcialmente desenvolvidas, que nem chegam a 30% da demanda total.

Ele é consumista: a máquina foi projetada para produzir bens e serviços materiais de forma linear, crescente e ilimitada. Esses devem ser consumidos. Se não houver consumo o negócio vai à falência. Os seres humanos são induzidos a consumir mais e mais e a universalizar o consumo, o mais que possam,coisa que a Terra não suporta.

O consumo não é solidário mas individualista. Por isso produz desigualdades e injustiças clamorosas que atentam contra o sentido da criação, orientada mais pela cooperação do que pela competição, hoje hegemônica.

Há saídas para uma crise de tais proporções? Não dentro da ordem capitalista. Sim, à condição de inaugurarmos um novo padrão civilizatório de produção, respeitoso da natureza e de um consumo responsável e solidário.

Mas cabe notar a distorção filosófica subjacente à nossa civilização: o fato de ela ter-se construído sobre a parafernália dos meios técnicos para produzir poder e riqueza e não sobre os fins que dão sentido à nossa aventura planetária.

Ademais marginalizou a inteligência cordial, base da ética, da justa medida e da espiritualidade que colocam a questão dos valores e dos fins últimos. A primeira, representa a modernidade técnico-científica, cuja expressão maior é a IA (o dominus,o dono). A segunda, a modernidade ético-espiritual secundarizada (frater) todos, a natureza incluída sabendo-se parentes e irmãos e irmãs.

Há saída para a crise: Sim, se resgarmos o que deixamos para trás, refundando uma civilização que confira centralidade à comunidade de vida e, em razão dela, reorientar a economia, a política e as formas de participação social.

Querem-no os senhores do poder e dos negócios? Não. A maioria é negacionista. Estão mais preocupados em auferir vantajosos lucros do que em garantir as condições para que o Planeta continue ainda habitável.

Podemos deter o Titanic em rota de colisão? Sim e não. Sim, se introduzirmos as mudanças necessárias. Não, se persistirmos no atual caminho que nos leva a cenários dramáticos.

Mas existem as forças diretas que construíram o universo e a nós mesmos. Elas são mais fortes que a destrutividade humana. Por que não tentar o ecosocialismo (Michel Löwy),proposto e realizável em todo o planeta, por dar centralidade aos valores? É um projeto viável e promissor de um futuro melhor.